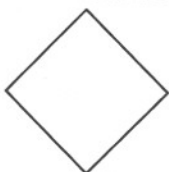


# A dimensão visual da cultura e a construção da identidade: análise de auto-retratos de adolescentes



Clara Viana Botelho

## Contextualização da investigação

Falar de globalização está na ordem do dia. O avanço das comunicações e a inovação tecnológica, quer ao nível dos meios de transporte, quer relativamente aos diferentes *media*, favorecem uma movimentação de mensagens, pessoas e produtos nunca antes vista. Imagens e sons são difundidos a velocidades vertiginosas, permitindo intercâmbios entre os indivíduos e as comunidades humanas que revelam um novo tipo de civilização, cada vez mais semelhante à escala planetária.

O lugar e o papel de cada um nesta nova ordem mundial assume pois uma dimensão multicultural como nunca antes. E a imagem visual, como veículo supra-linguístico capaz de transmitir mensagens com significado tendencialmente universal, vai sendo cada vez mais um suporte privilegiado para a comunicação entre os povos. O *visual* é uma dimensão do fenómeno cultural global com importância cada dia mais relevante e as diferentes ciências humanas rendem-se a esta evidência.

Em tal contexto, também a juventude e a escola portuguesa assumem um rosto multicultural onde a visibilidade da diferença merece ser encarada como um desafio enriquecedor. Estamos localmente confrontados com uma realidade multifacetada que abrange a globalização tendencial de diferentes instâncias socioculturais.

Neste enquadramento se insere o presente projecto de investigação, que coloca essencialmente a seguinte questão:

Como se auto-retratam os jovens portugueses deste final de século?

Será que as diferenças socio-culturais, as características regionais, influenciam hoje determinadamente a imagem de si dos adolescentes portugueses? Ou estarão eles a ficar cada vez mais parecidos com um modelo estereotipado comum a toda a cultura ocidental? Como se representam? Que modelos visuais de referência adoptam?

Trata-se pois de analisar os percursos identitários destes filhos da televisão, utilizadores hábeis de computadores e videojogos, bem como os modelos identificatórios que escolhem, no banho de culturas planetário que a comunicação por satélite hoje proporciona.

São talvez a primeira geração de cidadãos da aldeia global que conhece por cenário a sociedade de informação. Vivem num mundo onde a comunicação de massas impera, povoada de imagens que percorrem continentes instantaneamente. A constatação da importância destas dimensões da cultura na pós-modernidade justifica a opção metodológica adoptada, que constitui em si o primeiro desafio: utilizar a representação visual como suporte instrumental da pesquisa. Esta forma de recolha de dados parece-nos permitir recolher informação que o discurso verbal omite, embora coloque algumas dificuldades de interpretação que podem desvirtuar a compreensão objectiva das intenções dos participantes.

Trata-se, em suma, de recolher exercícios de auto-retrato desenhado, junto de adolescentes que frequentam os anos terminais da escolaridade obrigatória, a partir de duas propostas temáticas: *como sou eu* – representando também o vestuário que prefiro, as minhas actividades favoritas e cenário preferencial; *como seria eu se a minha vida pudesse mudar exactamente à medida dos meus desejos*.

Com este duplo exercício se tenta caracterizar uma importante faceta da identidade dos participantes: a auto-imagem visual, onde as influências do contexto sociocultural não serão menores do que as exercidas pelos media visuais, modeladores formais de concepções e desejos. A indicação de objectos e cenários permitirá a detecção de matrizes culturais mais ou menos dominantes, bem como a construção de uma situação imaginária deverá constituir um forte indicador relativamente a modelos de referência mais difundidos e adoptados.

## Revisão da literatura

Toda a revisão bibliográfica efectuada se enquadra no domínio de três grandes campos de referência:

- a investigação sobre o desenvolvimento gráfico-plástico na adolescência, numa perspectiva psico-artística, que permite enquadrar os suportes da pesquisa segundo a classificação de alguns autores;
- a psicologia, como suporte teórico da tarefa de afirmação da identidade e ciência que melhor pode explicar o comportamento individual e colectivo dos adolescentes;
- a sociologia, que dá o seu contributo na compreensão dos fenómenos de identidade colectiva relacionados com a emergência de culturas e subculturas juvenis, sob o efeito crescente da globalização. Importante será ainda equacionar o papel dos *media* como modeladores do comportamento, na sociedade pós-moderna, particularmente através da transmissão de mensagens visuais.

Sobre a representação gráfico-plástica dos adolescentes, quer relativamente aos aspectos formais de representação visual, quer no que toca às temáticas preferenciais deste grupo etário, onde a imagem de si emerge como uma preocupação muito comum, destacam-se as caracterizações de três autores. De acordo com Lowenfeld e Britain (1975)<sup>1</sup>, os tópicos que obtêm maior adesão junto dos jovens destas idades são: ele próprio, o lar, a comunidade, a indústria. Preocupam-se mais com a exploração de materiais do que com a excelência da técnica e o desenvolvimento da sensibilidade pessoal reflecte-se na obra plástica.

Outra autora recente que se debruça sobre a relação do adolescente com a sua obra é Judith Burton<sup>2</sup>, que refere que, nesta etapa de vida, os jovens se tornam conscientes das múltiplas possibilidades e pontos de vista na criação de obras de arte, estando as suas respostas plásticas normalmente ligadas ao sentido de uma mudança do seu *Eu* e uma perda de competência. O desencantamento com os seus esforços por comparação com os exemplos adultos reflecte-se na discrepância entre as suas ideias e sentimentos sobre os assuntos e a habilidade para manipular materiais e exprimir graficamente essas ideias. Em termos de tópicos preferenciais dos adolescentes, enuncia temáticas relacionadas com o amor, o poder da morte e a fraqueza em relação ao futuro, reflexos das suas preocupações.

A influência das imagens veiculadas pelos *media*, como originadoras de estereótipos gráficos ou fonte de inspiração formal e temática, é ainda um tema

---

<sup>1</sup> Cit. por Barrett (1982), p. 102-109.

<sup>2</sup> Cit. por Telmo (1994), p. 51-52.

indispensável para a compreensão das produções plásticas dos jovens dos nossos dias.

Numa abordagem mais geral, verificamos que os aspectos psicológicos da adolescência são determinados por factores endógenos que em certa medida representam uma constante, sobre a qual os factores individuais e elementos externos de cada época e contexto específico imprimem características particulares. Nessa medida, a literatura parece relativamente estabilizada, definindo padrões de *normalidade* que nos dão a conhecer o comportamento-tipo de um adolescente *médio*.

O primeiro contributo fundamental para a problemática em estudo é-nos dado pela investigação de Erikson sobre a *construção da identidade* como tarefa central da adolescência, na sua tripla dimensão: biológica, social e individual<sup>3</sup>. Associados a este conceito surgem algumas dimensões mais específicas da construção identitária do jovem adolescente, desenvolvidas por alguns autores, destacando-se: a necessidade de individualizar-se<sup>4</sup>; a identidade como resultado fusional das identificações da infância com a própria individualidade<sup>5</sup>; a importância da conquista de autonomia<sup>6</sup>.

Este percurso não se faz em isolamento. A presença de outras pessoas que Sullivan classificou como *outros significativos*<sup>7</sup> vincula um conjunto de relações particularmente importantes, a partir das quais se organizam os padrões de referência e valores com que o jovem se identifica.

Os amigos constituem um dos aspectos fundamentais desse conjunto. O adolescente não os escolhe como o fazia na infância: valoriza agora o facto de os seus amigos terem valores semelhantes aos seus. Inicia também o interesse por membros do sexo oposto. Tende a reunir-se em grupos com os seus semelhantes, grupos de discussão ou de acção, grupos políticos, movimentos de juventude, acampamentos de férias, etc. No seio do grupo de pares, o adolescente elabora e revê o seu auto-conceito: aí, é avaliado por aqueles que são supostos serem os seus iguais, e nessa medida incapazes de lhe imporem as sanções do mundo dos adultos do qual procura libertar-se. No entanto, continua a necessitar de suporte, segurança e orientação, procurados junto do grupo de companheiros. Esse grupo, predominantemente homogéneo em composição social, facilita assim a identificação.

---

<sup>3</sup> Fernandes (1990), p. 19.

<sup>4</sup> *Id.*, p. 19.

<sup>5</sup> Sequeira (1992).

<sup>6</sup> Fleming (1993).

<sup>7</sup> Cit. por J. P. McKinney (1986), p. 122.

As diferenças de género manifestam-se no desenvolvimento distinto de rapazes e raparigas, condicionado por algum diacronismo do amadurecimento físico, mas também fortemente relacionado com factores culturais. A vivência da sexualidade pelos jovens portugueses é-nos enquadrada pela pesquisa de Gomes e Miguel(1990)<sup>8</sup>, caracterizando as atitudes dominantes em relação a este aspecto da vida dos jovens. Dentro das diferentes variações individuais, identificam três grandes tendências na atitude dos jovens relativamente à sexualidade:

- um grupo que se aproxima do comportamento tradicional; neste, o valor principal dos rapazes é a virilidade, enquanto as raparigas vivem a sexualidade com sentimento de culpa;
- um grupo em que a sexualidade é vivida de forma lúdica (*curtir*), tendo os dois sexos uma vivência de procura do prazer pelo prazer; é o mais provocatório e contestatário relativamente à moral tradicional;
- um grupo em que ambos os sexos vivem a sexualidade como algo de natural, fazendo-se a sua descoberta de forma progressiva; neste grupo, ambos os sexos valorizam a relação afectiva como suporte da vida sexual.

Mais recentemente, o inquérito *Escola, Família e Amigos*, promovido por iniciativa do Ministério da Educação, dá-nos indicações sobre as concepções dos adolescentes relativamente à vida sexual<sup>9</sup>. Uma das conclusões aí apresentadas refere que são sobretudo os rapazes a defender o início da vida sexual a qualquer momento, enquanto as raparigas consideram que se deve aguardar por um namoro estável.

Para a compreensão das influências de recente globalização sobre a identidade, particularmente nos países do mundo ocidental, podemos reportar-nos às perspectivas sobre a *diáspora* que caracteriza a pós-modernidade<sup>10</sup>. Featherstone<sup>11</sup> equaciona a globalização cultural, caracterizando o fenómeno de estarmos simultaneamente em presença de uma incorporação de culturas na cultura dominante e em sociedades multiculturais, onde diferentes culturas se justapõem.

Um bom exemplo desta ambivalência relaciona-se com a indústria do vestuário e toda a propaganda a ela associada. A recente transição de uma *moda* estandardizada, relativamente uniforme e normativa para o conjunto da cultura

<sup>8</sup> Gomes e Miguel (1991), p. 39-40.

<sup>9</sup> Sampaio (1997), p. 56.

<sup>10</sup> Gilroy (1997), p. 303-304.

<sup>11</sup> Featherstone (1997), p. 21.

ocidental, para uma justaposição de *estilos*, que operam ao nível de subculturas com visibilidade local e expressão planetária, é um dos sinais exteriores da pós-modernidade, equacionado por Polhemus<sup>12</sup>. Particularmente, o segmento juvenil da população encarna de forma exemplar esta situação de novo tribalismo – as *tribos globais*. Esta transformação de *gangs* locais em subculturas geograficamente dispersas está particularmente ligada a preferências musicais e aspectos visuais<sup>13</sup>.

Em particular, referindo-se à realidade da juventude portuguesa, será importante conhecer a perspectiva de Stoer e Araújo<sup>14</sup> sobre os *mapas de sentido*, que interligam os espaços estruturais de referência em relação aos quais os adolescentes se situam necessariamente, nas diferentes dimensões da sua inserção social. Estes autores definem os *mapas de sentido* da juventude, construídos na interligação de quatro espaços estruturais: *espaço doméstico* (família / juventude); *espaço de trabalho* (trabalho / empresa); *espaço de cidadania* (estado / escola); *espaço mundial* (mundo / União Europeia). Estes dois últimos campos têm vindo a reforçar a sua influência após a recente modernização do nosso país, com o conseqüente alargamento da consciência global dos jovens cidadãos.

Sem dúvida que um dos aspectos fundamentais para a compreensão das culturas juvenis contemporâneas é o entendimento da sua vertente de consumo – *somos o que compramos*<sup>15</sup>. Torna-se importante compreender que, nos nossos dias, padrões da classe média modelam a cultura juvenil dominante, condicionando o consumo dos jovens em todos os estratos sociais<sup>16</sup>. Esta será uma das origens da uniformização de padrões de referência culturais, que cada vez mais se evidencia em todos os países, sobretudo os ocidentais, invadindo o imaginário de adolescentes de diferentes estratos sociais e com poder de compra diverso.

A dimensão visual destes fenómenos assume uma importância que as ciências sociais encaram com cada vez mais seriedade. A análise da representação visual como fonte de informação extrapola largamente o campo artístico e diversos autores das várias Ciências Humanas utilizam-na para compreender a época contemporânea<sup>17</sup>.

<sup>12</sup> Polhemus (1996), p. 15-19.

<sup>13</sup> *Id.*, p. 37-40.

<sup>14</sup> Stoer e Araújo (1997), p. 107.

<sup>15</sup> Cavalli (1997), p. 182.

<sup>16</sup> Croft (1997), p. 169.

<sup>17</sup> Chaplin (1994), p. 13.

O impacto da cultura visual sobre as comunidades humanas, e sobre as camadas jovens em particular, faz-se sentir em várias frentes. O papel predominante da televisão como veículo de informação e formação é inegável, e o estudo de Gardner<sup>18</sup> analisando as características do seu efeito sobre as crianças e adolescentes mantém actualidade. O conceito de *hiperrealidade*, introduzido por Baudrillard<sup>19</sup> a propósito do mundo real-irreal das mensagens mediáticas, ajuda-nos a compreender até que ponto, hoje, a representação da realidade se pode transformar na mais importante dimensão da própria realidade. Por influência dos media, e particularmente das suas mensagens visuais, confrontamo-nos com aquilo que Jameson define como uma *cultura estandardizada*<sup>20</sup>, baseada em imagens produzidas em série e de configuração estereotipada.

A análise dos desenhos exige pois um enquadramento teórico que envolve aspectos psicológicos e culturais, cuja literatura específica extravasa largamente o campo artístico. Cada vez mais há que encarar que a dimensão visual dos fenómenos culturais tem implicações múltiplas e complexas e que a influência transmitida pela informação, através do uso da imagem, na vida e comportamento de cada um, é muito grande.

Determinar um ponto de encontro de toda a produção teórica revista, cruzando elementos sobre as características do comportamento dos adolescentes com a dominação dos aspectos visuais na cultura globalizada da pós-modernidade, sem deixar de lado a compreensão da capacidade de representação dos jovens nesta idade, permite estabelecer parâmetros dentro dos quais situar os dados resultantes do exercício que foi proposto na presente investigação.

Analisar os respectivos resultados em termos de comunicação, partindo da representação visual como suporte instrumental, constitui uma abordagem inovadora, cuja contextualização e interpretação permite dar resposta às questões de investigação.

## Metodologia e desenvolvimento da pesquisa

A recolha de elementos realizou-se no ano lectivo de 1996/97.

O exercício que serve de suporte à pesquisa decorreu com a colaboração de professores de Educação Visual de escolas dispersas por todo o continente e

---

<sup>18</sup> Gardner (1982), p. 206, 236-254.

<sup>19</sup> Cit. por Chaplin (1994), p. 126-130.

<sup>20</sup> *Id.*, p. 135.



ilhas, permitindo o contraste entre diferentes realidades locais. Quanto à dimensão das localidades em que se situam, podemos considerar: grandes centros urbanos - Eugénio dos Santos, Damião de Góis, Eugénio de Castro, Canidelo; cidades do litoral, com razoável crescimento - D. João II, Gualdim Pais; cidades ou vilas do interior e ilhas - Poeta Bernardo de Passos, Fundão (Secundária e Seminário), Manteigas, Padre José João Amaral.

Se pretendermos fazer outro tipo de caracterização, considerando como categorias as grandes áreas urbanas (Lisboa, Porto, Coimbra), as cidades e vilas com indústria e serviços como actividades dominantes (Caldas da Rainha, Tomar, Fundão, Manteigas) e as sedes de concelho essencialmente rural ou escolas frequentadas por alunos provenientes desse tipo de concelhos (S. Brás de Alportel e Lagoa, por um lado, o Seminário do Fundão por outro), verificamos uma distribuição bastante equivalente dos participantes.

No Quadro 1 é apresentada a distribuição por sexo e zona geográfica dos 357 alunos que integraram o estudo.

A cada adolescente (do 8.º ou do 9.º ano de escolaridade) pede-se que execute dois desenhos, de acordo com as temáticas sugeridas: um auto-retrato presente e um segundo auto-retrato, em situação imaginária. Em ambos se possibilita a complementação com legendas escritas, não obrigatórias.

Pretendeu-se que os exercícios de desenho se realizassem em duas aulas consecutivas, cada um completando-se numa única aula. Um tal procedimento visava reduzir ao mínimo os riscos de contaminação, não proporcionando intervalos de tempo ao longo da realização dos exercícios que interferissem na espontaneidade dos participantes. Ora, como o horário semanal da disciplina de Educação Visual é de três horas, desigualmente distribuídas - um bloco de duas e outro de uma hora - assumia-se que o tempo destinado a cada um dos exercícios não seria igual. Para permitir que o preenchimento do questionário de identificação se fizesse no início, foi pedido aos professores colaboradores que lançassem o projecto na sessão de duas horas.

No entanto, houve adaptações que se revelou necessário fazer, no decurso do exercício, de tal modo que em algumas escolas houve um tempo adicional para aperfeiçoar os desenhos, particularmente a nível de cor e acrescento das legendas escritas. Deste modo, verifica-se que o grau de acabamento dos trabalhos, sobretudo do segundo exercício, realizado na aula mais curta, varia de escola para escola.

A demonstração das questões de investigação desenvolve-se de acordo com os critérios definidos para a sistematização da análise dos documentos produzidos pelos jovens participantes. Consideram-se grandes agrupamentos de



indicadores visuais, após uma caracterização da amostra a partir dos elementos de identificação.

Quadro 1  
Distribuição dos sujeitos por sexo e zona geográfica

LOCALIDADE / ESCOLA	REF. <sup>21</sup>	RAPARIGAS		RAPAZES		TOTAL
		8.º	9.º	8.º	9.º	
<b>LISBOA</b>						
Escola Básica Eugénio dos Santos	LA	13	-	10	-	23
Escola Básica Damião de Góis	LC	16	17	6	9	48
<b>CALDAS DA RAINHA</b>						
Escola Básica D. João II	CR	13	10	10	13	46
<b>SÃO BRÁS DE ALPORTEL</b>						
Esc. Bás. Poeta Bernardo Passos	S	13	-	7	-	20
<b>FUNDÃO</b>						
Seminário Menor do Fundão	SF	-	-	22	12	34
Esc. Secundária do Fundão	A	-	18	-	5	23
<b>TOMAR</b>						
Esc. Básica Gualdim Pais	TM	14	-	11	-	25
<b>MANTEIGAS</b>						
Esc. Básica de Manteigas	M	10	-	10	-	20
<b>COIMBRA</b>						
Esc. Básica Eugénio de Castro	C	-	11	-	10	21
<b>VILA NOVA DE GAIA</b>						
Esc. Secundária de Canidelo	G	10	-	10	-	20
<b>LAGOA – AÇORES</b>						
Esc. Básica Padre José João Amaral	AL	-	51	-	26	77
TOTAL PARCIAL		89	107	86	75	
<b>GRANDE TOTAL</b>		196		161		357

<sup>21</sup> Estas referências são utilizadas na identificação de todas as imagens reproduzidas, onde consta também a identificação de cada participante por um número de ordem e, indicada com numeração romana, a diferenciação entre o primeiro exercício (*quem sou eu – I*) e o segundo (*como seria eu se a minha vida mudasse – II*)

Assim, analisando simultaneamente – comparativamente, quando se revela necessário – os dois exercícios de desenho executados por cada jovem, abordam-se os seguintes tópicos (onde necessariamente se efectuem os cruzamentos que se mostrem pertinentes):

**– o espaço e a representação de si**

Organização do espaço representado

O retratado

**– outras presenças nas imagens**

Outras personagens representadas

Objectos representados

**– uso da cor e símbolos visuais**

Uso da cor

Representação de símbolos visuais

**– temas emergentes e verbalização da imagem**

Temas emergentes no segundo exercício

Relação das legendas escritas com as imagens representadas

Através da apreciação dos comentários dos professores colaboradores, torna-se evidente que a maioria dos alunos implicados participou com interesse na feitura do duplo auto-retrato. Trata-se de uma temática a que os adolescentes são particularmente sensíveis, por se encontrarem numa etapa de vida em que a construção da identidade, centrada na preocupação consigo próprios, com as suas potencialidades e projectos de futuro, dominam o universo pessoal de cada um.

O retrato de si que estes desenhos pretendem transmitir, enquanto objecto visual, representa antes de mais a imagem física que cada participante pensa ou deseja ter ou transmitir como sua. A forma como cada um se representa, o contraste entre o retrato de si desenhado no primeiro exercício e no segundo dão-nos importantes pistas que indiciam que este tema revela inquietações centrais para a maioria dos participantes.

## **Discussão de resultados**

### **O espaço e a representação de si**

Na **organização espacial da composição** predominam soluções realistas, mais no segundo exercício (imaginário) do que no primeiro (auto-retrato presente). Neste último caso, representações organizadas de forma mais

esquemática, que despreza a concepção de cenário global envolvente, têm algum peso quantitativo.

O **cenário** mais escolhido corresponde a cenas de exterior natural, em ambos os exercícios, sendo que, no caso do auto-retrato presente, esta escolha é ainda mais predominante em escolas de zonas rurais – as duas do Fundão e também S. Brás de Alportel. No segundo exercício, há maior dispersão nas soluções e tipos de cenário.

Alguns pormenores interessantes, relativos a escolhas significativas com menor expressão quantitativa: os recintos desportivos são sobretudo escolhas masculinas, patentes de forma mais evidente nos primeiros desenhos. O espaço doméstico, particularmente o quarto de dormir, é uma escolha mais feminina, muito comum no primeiro exercício, enquanto no desenho de situação imaginária as raparigas representam mais cenários correspondentes a locais de trabalho.

O tempo (hora do dia em que se situa a acção) surge como o parâmetro mais **estável**, apresentando resultados idênticos em ambos os exercícios e entre rapazes e raparigas ou escolas. A maioria dos desenhos não contém elementos que permitam determinar este indicador, mas quando o fazem é o dia o espaço de tempo mais representado.

Na apreciação de qual o **elemento mais destacado da composição**, verificamos que, no primeiro exercício, o autor (retratado) se representa como figura central da narrativa visual em cerca de 90% de casos. No segundo exercício, este resultado cai para a casa dos 60%, sobretudo devido a escolhas de rapazes que se substituem, como elementos principais da composição, por objectos, elementos naturais ou edifícios.

Quadro 2  
Elemento mais destacado da composição

	DESENHO I		DESENHO II	
	rapazes	raparigas	rapazes	raparigas
O retratado	141	179	93	132
Outra personagem	2	1	0	10
Elemento natural	2	1	6	8
Edifício	2	1	7	10
Objecto / artefacto	11	4	42	20
Outro	1	6	10	13

Estes resultados (ver o Quadro 2) merecem atenção especial, se tivermos em conta que a proposta era de realização de um auto-retrato, o que indicaria que o próprio (o retratado) deveria ser o elemento central da narrativa visual.

Intimamente relacionada com estes resultados, a **posição ocupada pelo retratado** na composição surge maioritariamente destacada, sobretudo no primeiro exercício. A menor incidência deste indicador situa-se cumulativamente no segundo exercício e nos rapazes – mais de 10% omitem a sua presença na composição e quase 10% surgem ocultados parcialmente por objectos, entre os quais se destacam os veículos, que os retratados conduzem, na acção definida.

A **idade aparentada pelos retratados** é sobretudo juvenil, no primeiro exercício, sendo que nos segundos desenhos a aparência dos rapazes é mais adulta (barba, desenvolvimento muscular, por exemplo) enquanto nas raparigas se mantém um aspecto juvenil, embora traços corporais de feminilidade (seios, ancas salientes) sejam mais patentes na situação imaginária. Na expressão facial, de uma forma geral, predominam soluções em que não é possível determinar emoções patentes, sendo que, no primeiro exercício, surgem mais casos de expressões tristes ou mesmo chorosas, enquanto que no segundo se encontram mais rostos sorridentes.

Em termos de **postura e acção**, a maioria dos participantes representa-se de pé e estático – em pose para o retrato. Posições mais dinâmicas surgem muito associadas a temáticas de prática desportiva – cerca de 20% de soluções no primeiro exercício e 10% no segundo. Neste caso, é nítida a predominância das escolhas masculinas – respectivamente nas casas dos 20% e 30%.

Aspectos quantitativamente menos importantes mas que revelam significância, dizem-nos que posturas interactivas de afecto com outras personagens são escolha de raparigas, enquanto apenas rapazes representam actos de agressão ou violência.

No **vestuário**, é nítida a escolha dominante de calças com camisola, camisa ou casaco, no primeiro exercício. Nas escolhas femininas, destaque-se como as saias ou vestidos, particularmente os conjuntos compridos, são muito mais significativos no segundo exercício. No conjunto, podemos dizer que as opções expressas de vestuário são mais unissexo no primeiro exercício, sendo que no segundo as raparigas optam por peças marcadamente femininas.

Para os rapazes, a escolha de vestuário desportivo, mais ainda no auto-retrato presente, surge como uma alternativa muito comum. Quanto a acessórios de vestuário, se para as raparigas o mais representado são as jóias (fios, colares e brincos, sobretudo), os rapazes optam mais frequentemente por barretes ou chapéus. Mas este é um item onde as escolhas se dispersam muito,

de forma idêntica e sem peso estatístico particularmente significativo, em ambos os exercícios.

De uma forma geral, pode-se afirmar que quer na representação do espaço quer na representação de si as diferenças encontradas nos resultados das diferentes escolas não se podem considerar minimamente relevantes.

### Outras presenças nas imagens

Numa primeira abordagem, é importante realçar que a **presença de objectos**, quer como complementos de cenário, quer como elementos destacados da composição, é maior e mais significativa do que a **representação de outras personagens**.

Partamos da avaliação do tipo de personagens representadas, e cujas presenças se resumem nos seguintes resultados:

Quadro 3  
Outras personagens

	DESENHO I		DESENHO II	
	rapazes	raparigas	rapazes	raparigas
Personagens significativas	4	12	5	23
P. em acção ou cooperação	5	3	16	24
Personagens identificáveis	6	14	8	17
Outras não identificáveis	6	3	12	21

Fazendo leituras parciais dos resultados, verificamos que há mais personagens representadas no segundo exercício, onde a maioria destas presenças se inclui na categoria de **personagens em acção ou cooperação com o retratado**, funcionando como elementos identificadores da temática da acção – na prática desportiva, como colegas de profissão, alunos ou subordinados dos retratados. Alunos e colegas de profissão são mais desenhados por raparigas, desportistas e subordinados (motoristas, mordomos, por exemplo) por rapazes.

Também no segundo exercício, surgem bastantes **personagens anónimas**, isoladamente ou em massa, que pretendem representar o elemento humano de um cenário, particularmente o público ou audiência que assiste a desempenhos dos retratados em situações de destaque e protagonismo.

Personagens cuja significância afectiva para o autor se manifesta de forma inequívoca – **personagens significativas** – são escolhas maioritariamente

femininas. Amigos, namorados, futuros cônjuges ou filhos surgem nas imagens em atitudes carinhosas ou são referenciados por símbolos ou em legenda escrita, por forma a tornar clara a sua importância na vida afectiva do autor do desenho. A sua presença no primeiro exercício é menos frequente do que no segundo.

Outro tipo de **personagens identificáveis mas que não interagem com o retratado** encontram-se de forma dispersa em diferentes exercícios, sendo de destacar que a presença de animais domésticos, particularmente cavalos, é muito mais comum nos desenhos femininos do que masculinos.

Os **objectos** representados incluem-se em categorias muito variadas. Há mesmo situações, mais frequentes nos segundos exercícios e maioritariamente em rapazes, em que os objectos substituem a pessoa do retratado, indiciando que o desejo de posse ou uso de artefactos é o elemento central da solução imaginária.

Os totais encontrados são apresentados no Quadro 4.

Quadro 4  
Categorias de objectos representados

	DESENHO I		DESENHO II	
	rapazes	raparigas	rapazes	raparigas
Acessórios de desporto	101	59	103	12
Meios de transporte	15	9	55	18
Peças de mobiliário em destaque	20	48	25	41
Equipamento audiovisual	26	73	8	30
Equipamento informático	17	4	10	5
Mecanismos e ferramentas	7	12	16	28
Objectos utilitários / decorativos	7	21	8	32
Brinquedos e livros	1	28	2	11
Instrumentos musicais	3	8	3	4
Outros objectos em destaque	22	49	39	62

Tipificando estas presenças, encontramos, no primeiro exercício dos rapazes, sobretudo **acessórios de desporto**. As raparigas representam mais **aparelhos de reprodução de som** e outro tipo de **audiovisuais**, bem como **mobiliário** relativo a espaços domésticos. Todas estas categorias se encontram em exercícios femininos e masculinos, com incidências maiores ou menores.

No segundo exercício, os **meios de transporte** surgem como elementos mais frequentes, particularmente nos rapazes. Como segunda escolha masculina,

novamente os acessórios de desporto. No caso das raparigas, o mobiliário, agora mais relacionado com a representação de locais de trabalho, bem como **artefactos utilitários e decorativos** que reforçam esta primeira opção lideram as preferências. Seguem-se objectos relacionados com o **registo audiovisual** (gravação e/ou emissão/difusão de som ou imagem) e **mecanismos e ferramentas** que caracterizam sobretudo desempenhos profissionais.

Outras categorias de objectos surgem de forma mais dispersa, sendo de salientar a dominância feminina na representação de **livros**, particularmente no primeiro desenho, e a preferência dos rapazes por **material informático**, patente nos dois exercícios.

### Uso da cor e símbolos visuais

A **cor** é usada com **realismo naturalista** na maioria dos trabalhos onde o envolvimento cénico da narrativa visual é completo. Nestes casos, como se verificou em capítulo anterior, a escolha mais frequente é de representações de exterior natural. Assim, quando se verifica que os **verdes** e os **azuis** predominam nos cenários em que a cor foi utilizada, torna-se evidente que uns simbolizam a terra e os outros o ar ou a água.

A omissão de cor no acabamento do cenário tanto ocorre de forma aparentemente intencional, no caso de composições mais esquemáticas, como, sobretudo no segundo exercício, surge também em desenhos cujo acabamento teve de ser descurado, por limitações de tempo.

A **cor do vestuário** com que os autores se retratam está intimamente relacionada com o tipo de vestuário por eles representado. Assim, sendo o conjunto de calças com camisola, camisa ou casaco, em ambos os exercícios, o mais comum na globalidade dos trabalhos, é patente que os **azuis** e o **negro** são os tons favoritos para a pintura das **calças**. Este facto é mais evidente no primeiro exercício, provavelmente relacionado com o facto de no segundo desenho haver mais variedade no tipo de vestuário representado, o que faz com que a paleta de cores escolhida para estes elementos de vestuário surja mais ampla nas composições referentes a situações imaginárias.

No conjunto do vestuário, quer consideremos as peças que se destinam à parte inferior do corpo, quer as que cobrem o tronco, o azul desempenha sempre um lugar de destaque. Verificam-se, no caso do vestuário do tronco, algumas particularidades: no primeiro exercício, o vermelho surge equiparado ao azul, seguido do negro; no segundo desenho o mesmo vermelho ombreia com a escolha do negro, seguido do azul. Entre estas três cores – **azul, vermelho e negro** – situam-se as preferências.



As opções femininas e masculinas são muito semelhantes, neste aspecto específico dos auto-retratos. Analisemos os números totais, sem esquecer que muitos dos desenhos do segundo exercício, por falta de acabamento, omitem a cor:

Quadro 5  
Cor do vestuário retratado

	DESENHO I		DESENHO II	
	tronco	pernas	Tronco	pernas
Negro	47	73	36	51
Cinza	14	7	8	8
Violeta	13	7	13	9
Azul escuro	14	28	5	8
Azul	49	125	34	58
Verde	21	14	29	26
Amarelo	17	5	8	7
Laranja	8	0	8	3
Vermelho	63	16	36	24
Castanho	10	13	8	12
Branco (intencional)	18	22	25	22
Rosa	16	6	25	13
Várias (tons alegres)	31	6	21	7
Várias (tons sombrios)	10	8	3	2

A presença de **símbolos visuais** dá-nos informações adicionais cuja função na narrativa da composição varia. Assim, verificamos que a presença de **logotipos**, representados sobretudo na roupa dos retratados e em objectos – equipamento audiovisual e desportivo, por exemplo – é muito mais evidente nos primeiros desenhos, assinalando a importância que a presença física da marca destes produtos assume no mundo juvenil da actualidade.

Já se analisarmos a presença de **cores simbólicas**, **símbolos naturais** ou da **gramática visual da Banda Desenhada**, verificamos que surgem de forma equilibrada em ambos os exercícios, reforçando visualmente mensagens na caracterização da acção ou das emoções em presença.

A categoria de símbolos desta natureza que se mostra claramente mais presente no segundo do que no primeiro exercício corresponde a um amplo agrupamento de **signos e sinais** – bandeiras, sinalização toponímica de espaços,

gestos simbólicos, logotipos imaginários, por exemplo. Esta dominância relaciona-se com a necessidade de caracterização do cenário na situação imaginária, muitas vezes determinante para a compreensão da mensagem geral do desenho.

Num quadro global de resultados, obtemos os seguintes totais:

Quadro 6  
Representação de símbolos visuais

	DESENHO I		DESENHO II	
	rapazes	raparigas	rapazes	raparigas
Marcas ou logotipos	82	39	50	22
Cores simbólicas	27	6	22	5
Edifícios simbólicos	2	2	4	9
Gramática da Banda Desenhada	21	37	22	25
Signos e sinais	28	14	40	41
Elementos da Natureza	16	23	32	36

Este capítulo, onde a cor e a simbologia visual se analisam, é, de todos, aquele em que a semelhança na incidência de respostas masculinas e femininas é maior. As excepções são claramente localizadas e referem-se sobretudo à gramática da Banda Desenhada: os **rapazes** representam mais sinais caracterizadores de **movimento** e **símbolos de riqueza e dinheiro**; nas **raparigas**, temos uma grande incidência de elementos gráficos **musicais** no primeiro exercício e **símbolos de emoções e afectos**, de uma forma mais geral.

No entanto, se considerarmos agrupadamente este tipo de indicadores, verificamos que os valores totais encontrados são bastante significativos e se aproximam relativamente, sobretudo no que toca ao uso da cor, nas respostas de ambos os sexos. Esta constatação indicia que a cor e a simbologia visual podem ser as categorias onde a influência cultural da Era da Imagem se faz sentir de modo mais abrangente e homogéneo.

Não pode no entanto deixar de se relevar que os participantes masculinos dão mostras de maior preocupação na caracterização de elementos que se podem associar ao consumo: símbolos de riqueza (cifrões) e representação de logotipos, por exemplo.

## Temas emergentes e verbalização da imagem

Ao analisarmos o preenchimento da folha destinada a legendar por escrito cada desenho, verificamos que é importante o número de participantes que preferiu não escrever, somado aos que apenas explicam descritivamente o que desenharam – isto é, um número considerável destes jovens não sentiu necessidade de acrescentar informação verbal que adicionasse dados à mensagem do desenho. Avaliar os motivos que poderão ter feito com que algumas legendas não fossem escritas poderá ter dependido também das condições objectivas de realização, pois, como já foi referido, o tempo para trabalhar variou um pouco de escola para escola.

Não se pode no entanto desprezar a importância das muitas respostas em que as legendas surgem como informação adicional, contendo elementos precisos que complementam o que o desenho representa.

Já os casos, raros mas significativos, em que as legendas contrariam o que foi desenhado, reflectem bem alguma instabilidade característica da adolescência, bem como a dificuldade que alguns participantes terão sentido em seleccionar uma temática, que no cômputo final não satisfizesse o respectivo autor.

Este é também um dos parâmetros em que as diferenças de resposta entre rapazes e raparigas não se podem considerar particularmente significativas, sendo também interessante verificar como os totais correspondentes aos dois exercícios se equivalem. Vejamos os resultados:

Quadro 7  
Legendas escritas em espaço próprio

	DESENHO I	DESENHO II
Legenda explicativa do desenho	92	100
Legenda complementar ao desenho	137	140
Legenda contraditória com o desenho	6	10
Não escreve legenda	122	107

Quanto aos temas emergentes nos segundos desenhos, escolhemos a sua análise sistemática por constatar que o exercício proposto, de construção de uma situação claramente ideal, permitia saídas bastante variadas cuja análise fornece indicadores bastante precisos para a caracterização de algumas preocupações dominantes dos jovens participantes. O futuro que os espera surge marcadamente como a grande preocupação, permitindo no entanto soluções variadas, mais ou menos realistas.

A incidência relativa com que certas temáticas surgem, quer em frequência total, quer na distribuição por sexos, reforça a leitura de que a influência da cultura visual global e de modelos e expectativas comuns se faz sentir com enorme intensidade:

Quadro 8  
Temas emergentes no segundo exercício

	rapazes	raparigas
Carreira mediática – desporto	30	4
Carreira mediática – espectáculo	1	17
Carreira mediática – moda	3	19
Viagem	12	30
Passeio, pequena viagem	4	15
Carreira futura – saúde	2	15
Carreira futura – ensino	1	14
Carreira futura – técnico superior	4	11
Carreira futura – técnico intermédio	7	0
Carreira futura – profissão manual	4	1
Carreira futura – militar/policial	3	1
Posse, dinheiro, sinais exteriores de riqueza	21	13
Situação ficcional	21	8
Realização de ambições imediatas	7	8
Manutenção da situação presente	3	4
Realização pessoal afectiva	1	17
Aventura, desportos de risco	17	1
Mudança física ou de estilo visual	2	9
Prática de violência, combate	6	0
Defesa de causas humanitárias	2	4
Outros	9	4

Torna-se ainda interessante constatar como a dispersão destas escolhas, quando consideramos o agrupamento dos participantes de acordo com o meio em que se insere a respectiva escola, apresenta uma distribuição bastante semelhante das temáticas preferenciais. Assim, observemos os resultados:

Quadro 9  
Escolhas e distribuição geográfica

	Grande centro urbano	Cidade pequena e seu concelho	Vila / concelho rural
Carreira mediática	28	23	23
Viagem ou passeio	15	25	21
Carreira futura	24	11	28
Posse, dinheiro, sinais ext. de riqueza	7	13	14
Situação ficcional	5	9	15
Ambições imediatas, situação presente	8	7	7
Realização pessoal afectiva	1	8	9
Aventura, desportos de risco	6	7	5
Mudança física ou de estilo visual	5	3	3
Prática de violência, combate	5	1	0
Defesa de causas humanitárias	2	3	1
Outros	6	3	4
TOTAL <sup>22</sup>	112	113	130

Comparar os modelos que enformam as soluções encontradas dá-nos a convicção de nos encontrarmos sobretudo em presença de duas subculturas distintas e generalizadas: masculina e feminina. As **preocupações afectivas** e de **carreira superior** emergem com grande peso nas temáticas escolhidas pelas raparigas, o **desejo de posse de riqueza** ou a expressão de **violência física** são muito mais comuns nos rapazes.

Os rapazes escolhem ainda com mais frequência **situações puramente ficcionais**, identificando-se por exemplo com heróis do filme animado ou participando em cenas violentas de séries televisivas e jogos electrónicos. O **risco e a aventura** são também escolhas predominantemente masculinas.

As raparigas, por seu lado, evidenciam mais o **desejo de mudança física**, ou de estilo de vestuário. Aliás, no conjunto dos resultados, é curioso verificar quanto é comum surgirem, nos segundos desenhos, figuras onde dominam certos estereótipos sexuais de beleza: raparigas muito curvilíneas, rapazes de musculatura peitoral muito evidente, frequentemente de tronco nu.

<sup>22</sup> O total corresponde ao número de alunos que realizaram o segundo exercício (355), porque dois dos jovens que participaram na pesquisa faltaram à aula em que se realizou esta parte do trabalho.

Certas temáticas surgem de forma mais uniforme, nos universos de género. A necessidade de protagonismo que as **carreiras mediáticas** sugerem faz com que este tema lidere, nas escolhas globais. Mas as raparigas fazem-no sobretudo através da **moda** e do **espectáculo**, enquanto os rapazes escolhem o **desporto** como meio preferencial para atingir o desejado protagonismo.

Como segunda categoria mais escolhida, também distribuída equivalentemente por participantes dos dois sexos, surge **viajar**, sobretudo para locais exóticos. Esta escolha reflecte bem uma série de estereótipos sobre os locais de lazer idílico, onde imperam as palmeiras ou se pratica *ski*.

Como conclusão, poder-se-á dizer que os resultados gerais destas escolhas se inserem de forma geral naquilo que a psicologia nos diz sobre a formação da identidade na adolescência, com preocupações com o futuro e sonhos de protagonismo, revelando as raparigas mais preocupação com as dimensões afectivas e emotivas e os rapazes mais desejo de acção e aventura. De certa maneira, pode também concluir-se que as escolhas femininas são maioritariamente mais realistas, como consequência provável de maior maturidade, que as raparigas atingem mais cedo nos anos turbulentos da adolescência.

A presença dos modelos culturais, quer na escolha dos temas, quer na própria representação visual dos mesmos, faz-nos entrever uma geração que se insere na cultura global de forma bastante nítida.

## Síntese das conclusões

A observação dos resultados dos exercícios revela-nos uma multiplicidade de desenhos onde o cuidado e empenho em transmitir mensagens completas são patentes. Pode-se sem dúvida afirmar que estamos em presença de trabalhos gráficos em que a qualidade é maioritária, quer ao nível da mensagem implícita, quer mesmo se pretendermos fazer um juízo formal de carácter mais técnico ou estético.

A amostra total, de conveniência, mas procurando abranger situações distintas, fornece exemplos que se revelam claramente significativos. Por um lado, estamos perante uma grande diversidade de respostas, quer na escolha de temáticas quer nas soluções gráficas encontradas. Por outro lado, há indesmentíveis semelhanças entre muitos desenhos, obtidos em situações de dispersão geográfica e envolvimento sociocultural bem diverso.

Estamos portanto em condições de retirar conclusões referenciadas às questões de investigação inicialmente enunciadas. A presença de uma cultura

visual comum subjacente está patente no conjunto dos desenhos obtidos. Igualmente presentes estão as grandes preocupações características da adolescência como período de afirmação pessoal, bem como os sinais da cultura de consumo em que estes jovens estão mergulhados.

Numa tentativa de síntese, podemos afirmar: estes adolescentes retratam um presente mais semelhante do que o são as fantasias que projectam.

No presente, vestem-se de forma idêntica, procuram actividades como o desporto e os jogos electrónicos (escolhas mais masculinas) ou preferem a música e a leitura (mais da preferência das raparigas). Recolhem-se nos seus quartos de dormir ou representam recintos desportivos. A influência de padrões visuais da sociedade de consumo, particularmente os transmitidos pela televisão, é indesmentível, na iconografia representada como nas temáticas escolhidas.

Quando configuram uma situação de imaginação e desejo, o leque das escolhas abre: se uns apenas querem mudanças imediatas, como obter o computador dos seus sonhos ou deixar crescer o cabelo, há por seu lado quem queira viajar até Marte ou na máquina do tempo. Se alguns se retratam no desempenho de profissões manuais, correspondentes a carreiras acessíveis e prováveis, outros imaginam-se protagonistas de grandes feitos mediáticos ou mesmo humanitários. Se há os que querem fazer um piquenique ou acampar com os amigos, outros desejam viajar até longínquas paragens, em hotéis de luxo, com cenários de postal ilustrado. Se há quem deseje ter namorado, casar ou ser mãe, também há quem sonhe ter uma arma e destruir, agredindo e semeando o terror. Se alguns afirmam claramente quererem ser como são, outros escolhem transfigurar-se em animais, seres fantásticos ou heróis de ficção.

Em resumo: é entre os pólos da diversidade – nas expectativas, nos cenários preferenciais, entre raparigas e rapazes – e da semelhança – no vestuário, nos objectos de consumo, nas temáticas e símbolos representados – que balizamos resultados que permitem alguma extrapolação na caracterização da cultura, particularmente da cultura visual, desta geração de cidadãos da aldeia global que hoje vivem em Portugal, nascidos algures entre 1980 e 1985.

Com efeito, na verificação final de resultados, oscilamos constantemente entre a constatação de grandes semelhanças temáticas e mesmo plásticas entre as representações de participantes das diferentes escolas e um leque de diversidade nas opções e soluções encontradas, ao consideramos a totalidade dos resultados. Quando avaliamos, quer as semelhanças, quer os contrastes entre as diferentes representações feitas, concluímos que elas se dispersam pelas escolas e surgem de forma semelhante no grande centro urbano ou no concelho rural, na cidade litoral como na vila do interior.



Somos assim remetidos para as questões inicialmente formuladas neste projecto de investigação: será que as diferenças socioculturais e as características regionais influenciam hoje determinantemente a imagem de si dos adolescentes que participaram nestes exercícios? Estarão eles a aproximar-se de modelos comuns a toda a juventude ocidental?

Ou colocadas as coisas noutros termos: até que ponto estamos perante um fenómeno que se aproxima de uma identidade juvenil global?

Parece-nos abusivo responder de forma afirmativa. Antes preferimos concluir, ao analisarmos a forma como se representam visualmente estes jovens, estarmos perante um universo de imagens que reflectem processos identitários com características globalizantes, frutos locais das *tribos globais* que a literatura nos referencia. As semelhanças nas representações visuais destes adolescentes, quando se retratam e aos seus desejos, são mais do que meras coincidências. Evidenciam simultaneamente a diversidade e a difusão planetária dos modelos a que são referenciadas e, por outro lado, a busca pessoal, individual e nessa medida única, em que cada participante da pesquisa procura construir a sua identidade.

Entre a realidade e a fantasia, sobre o presente ou sobre o futuro, num universo de referências de tal forma invasor que resulta intrusivo, admitem-se todas as respostas, que nessa medida podem ser contraditórias. Mas a adolescência é idade de contradições, e o nosso tempo um tempo de grandes interrogações. Por isso, as ambiguidades na resposta a estas perguntas em nada negam a validade dos resultados. Reforçam-lhes, isso sim, um certo carácter transitório que é filho da época em que vivemos, de mudanças velozes e adaptações sistemáticas. Transitório também como são rápidas as transformações do desenvolvimento pessoal na adolescência, como rapidamente as modas e estilos adoptados pela juventude se vão sucedendo na cultura de massas ocidental.

Estas conclusões referem-se a um grupo específico, num momento e local específico. Mas evidenciam sinais de que, no mesmo momento, talvez correspondessem a resultados idênticos, com outros grupos, noutros locais. Válidos por agora, para hoje, enquanto estes adolescentes ainda navegarem nas águas revoltas do desenvolvimento pessoal, entre a realidade e a fantasia, entre o presente e o futuro. Aqui e agora, na aldeia global.

## Bibliografia

- BARRETT, Maurice (1982) – *Educação em arte*. Lisboa: Presença.
- BARRY, Ann Marie Seward (1997) – *Visual intelligence: perception, image, and manipulation in visual communication* (1997) – N. Iorque: State University of New York Press.
- CAVALLI, Alessandro (1997) – The delayed entry into adulthood: is it good or bad to the society? In PAIS, José Machado; CHISHOLM, Lynne (Ed.) – *Jovens em mudança: actas do congresso internacional "Growing up between centre and periphery"*. Lisboa: I.S.C.T.E.
- CHAPLIN, Elisabeth (1994) – *Sociology and visual representation*. Londres: Routledge.
- CHURCHILL, Angiola (1970) – *Art for preadolescents*. USA: Mc Graw-Hill.
- CLAES, Michel (1985) – *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Verbo.
- CROFT, Jo (1997) – Youth Culture and Age. In STORRY, Mike; CHILDS, Peter (Ed.) – *British Cultural Identities*. Londres: Routledge.
- DEBESSE, Maurice (1946, 1976) – *A adolescência*. 4.<sup>a</sup> ed., Publ. Europa-América.
- FEATHERSTONE, Mike (1997) – *O desmanche da cultura – globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Livros Studio Nobel.
- FEATHERSTONE, Mike et al. (Ed.) (1991) – *The body: social process and cultural theory*. Londres: Sage Publications.
- FERNANDES, Evaristo (1990) – *Psicologia da adolescência e da relação educativa*. Porto: Asa.
- FLEMING, Manuela (1993) – *Adolescência e autonomia*. Porto: Afrontamento.
- FORNÄS, Johan (1995) – *Cultural theory and late modernity* – Londres: Sage Publications.
- GALLATIN, Judith (1978) – *Adolescência e individualidade*. S. Paulo: Harper and Row do Brasil.
- GARDNER, Howard (1982) – *Art, mind and brain: a cognitive approach to creativity*. Nova Iorque: Basic Books (Harper Collins).
- GIDDENS, Anthony (1994) – *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Edit.
- GILROY, Paul (1997) – Diaspora and the ditours of identity. In PAIS, José Machado; CHISHOLM, Lynne (Ed.) – *Jovens em mudança: actas do congresso internacional "Growing up between centre and periphery"*. Lisboa: I.S.C.T.E.
- GOMES, A. M. Allen ; MIGUEL, Nuno (1991) – *Juventude, afecto e sexualidade*. Lisboa: Texto Editora.

- LEVISKY, David Léo *et al.* (1997) – *Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LURÇAT, Liliane (1998) – *Tempos cativos: as crianças TV*. Lisboa: Edições 70.
- MARTINS, Maria João Alvarez (1993) – *Perspectiva desenvolvimentista da adolescência e aré-adolescência*. Texto do Conselho de Acompanhamento da Reforma Curricular
- MCKINNEY, John Paul (1977, 1986) – *Psicologia do desenvolvimento: o adolescente e o adulto jovem*. Rio de Janeiro: Campus Lda.
- NETO, Lurdes; NETO, Félix (1997) – Estereótipos sexuais em adolescentes. In *Psicopedagogia Educação Cultura*, Vol. 1, n.º 1. Carvalhos: Colégio Internato dos Carvalhos.
- PAIS, José Machado; CHISHOLM, Lynne Ed. (1997) – *Jovens em mudança: actas do congresso internacional "Growing up between centre and periphery"*. Lisboa: I.S.C.T.E.
- PAIS, José Machado (1996) – *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PASTOUREAU, Michel (1993) – *Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade*. Lisboa: Estampa.
- POLHEMUS, Ted (1996) – *Style surfing: what yo wear in the 3rd millenium*. Londres: Thames and Hudson.
- ROCHER, Guy (1971) – *Sociologia geral* 5. Lisboa: Presença.
- SAMPAIO, Daniel (1997) – Escola, família e amigos. In PAIS, José Machado; CHISHOLM, Lynne (Ed.) – *Jovens em mudança: actas do congresso internacional "Growing up between centre and periphery"*. Lisboa: I.S.C.T.E.
- SANTOS, Arquimedes Silva (1992) – A expressão na pré-adolescência e na adolescência. In *Desenvolvimento e expressão visual*. Maia: Cadernos APECV.
- SEQUEIRA, Adelaide (1992) – A propósito da sínteses da identidade na adolescência. *Psicologia*. Vol. III, n.º 3.
- STOER, Stephen; ARAÚJO, Helena Costa (1997) – Quatro espaços estruturais e a construção de «mapas de sentido» na semiperiferia. In PAIS, José Machado; CHISHOLM, Lynne (Ed.) – *Jovens em mudança: ctas do congresso internacional "Growing up between centre and periphery"*. Lisboa: I.S.C.T.E.
- TELMO, Isabel Cottinelli (1994) – *Linguagem gráfica infantil*. Setúbal: Escola Superior de Educação de Setúbal.